

PODER

Rejeição a generais e medo da PF

Bolsonaro afirma se arrepender de militares no governo e diz acordar todo dia com sensação de ter a Polícia Federal à porta

» ISRAEL MEDEIROS

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) disse ontem que se pudesse voltar no tempo teria escolhido ministros mais “parrudos” e “casca grossa” em vez de generais para os ministérios palacianos no seu governo. Segundo ele, faltou “competência” e “malícia” para “enfrentar o sistema”.

“O sistema tá forte, tá aí (sic). Faltou competência para nós, malícia. Você me pergunta o que eu faria diferente. Os ministros palacianos seriam diferentes. Eu não teria mais alguns nomes, um general ali. Eu não teria mais general ali. Teria ministro mais parrudo, mais casca grossa, para enfrentar o sistema”, disse, em entrevista ao canal bolsonarista Fio Diário.

Os ministérios chamados palacianos são aqueles cuja sede fica dentro do Planalto. São eles a Casa Civil, o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), a Secretaria-Geral e a Secretaria de Governo. As chefias dessas pastas foram ocupadas pelos generais Walter Braga Netto — preso desde dezembro por participação, segundo a Polícia Federal, na trama golpista do fim de 2022 — que comandou a Casa Civil e também foi ministro da Defesa; Augusto Heleno — também suspeito de integrar a trama golpista de 2022 (GSI, de 2019 a 2022) —; Santos Cruz (Secretaria de Governo, 2019); e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo de 2019 a 2021; Casa Civil, 2021; e Secretaria-Geral da Presidência de 2021 a 2023).

A mudança de discurso vem depois de a Polícia Federal indiciar 28 militares por participação em um plano de golpe de Estado no fim de 2022, depois de Bolsonaro perder as eleições para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-chefe do Executivo, também **indiciado**, é apontado pela PF como o líder da organização criminosa que planejou abolir o Estado Democrático de Direito e impedir que o petista tomasse posse.

Na mesma entrevista, Bolsonaro disse que seria “fácil” dar um golpe em 2022, mas que sua experiência como militar, deputado e presidente lhe dizia que haveria consequências no “day after” (dia seguinte).

“O que eu poderia fazer fora

Evaristo Sa/AFP



Bolsonaro: “Como é que você acha que eu acordo todo dia? Com a sensação da PF na porta. Qual a acusação? Não interessa”

Vacina e joias

Além da tentativa de golpe, Bolsonaro já foi indiciado em outras duas ocasiões pela PF: no caso envolvendo a fraude em seu cartão de vacinas e na tentativa de incorporar joias da Presidência ao seu acervo pessoal.

das quatro linhas? Diga. Ponto final. Fazer besteira? É fácil. Eu quero ver o after day (day after), o dia seguinte. (Com) a idade que eu tenho, a experiência que eu tinha de 28 anos de parlamento, 15 de Exército e três na Presidência, a gente sabe o que se pode fazer, a gente sabe das consequências”, afirmou.

Traumas

Segundo ele, a passagem pela Presidência da República lhe deixou traumas. Nas últimas entrevistas que tem dado a canais bolsonaristas no YouTube,

o ex-chefe do Executivo tem repetido que, durante seu mandato, em diversas ocasiões, chorava no gabinete presidencial. Ontem, ele frisou que uma das consequências de ter chegado à Presidência é ter, todos os dias, a sensação de que a Polícia Federal está à sua porta logo pela manhã.

“Eu digo e alguns até reclamam: não é fácil a vida de presidente. (Perguntam) ‘se é tão difícil, por que tu quer ir pra lá?’. Porque eu quero ajudar o meu país. Como é que você acha que eu acordo todo dia? Com a sensação da PF na porta! Qual a acusação? Não interessa”, disse.

Outra tônica das entrevistas de Bolsonaro é o motivo da derrota em 2022. Ontem, ele voltou a culpar o sistema eleitoral brasileiro e destacou que o país deveria ter um sistema de votação igual ao da Venezuela, país que o ex-presidente criticou ativamente durante seu mandato.

Para ele, a existência do voto impresso no sistema venezuelano foi o que permitiu à comunidade internacional perceber que havia fraude nas eleições do último ano que reconduziram Nicolás Maduro. Até hoje, no entanto, as autoridades venezuelanas não forneceram as atas

eleitorais, a despeito dos pedidos de organizações internacionais. A afirmação de Bolsonaro, portanto, é falsa.

“Hoje, nós clamamos aqui por um sistema eleitoral semelhante ao da Venezuela. (...) Só o Brasil e mais dois países insignificantes têm isso daí”, referindo-se à urna eletrônica adotada no Brasil. Ele também sustentou que é perseguido pelo Judiciário e que não pode mais dizer que há ou que houve fraudes no sistema eleitoral brasileiro. “Se eu falar em fraude aqui, pode daqui a meia hora a Polícia Federal bater na minha porta”, justificou.

As indiretas de Flávio

Em uma publicação de tom elogioso à trajetória política do pai, Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) mandou, ontem, indiretas a aliados políticos, na mesma semana em que ocorrem desentendimentos dentro do PL, partido de ambos. Sem citar nenhum episódio específico, o parlamentar disse ter ficado “estarcido” quando vê lideranças políticas, segundo ele, surgidas “da própria costela” do pai, não seguirem a orientação do ex-presidente.

A publicação foi feita em seu perfil no X (antigo Twitter). Flávio ainda qualificou tais atuações como “falta de consideração” e “ignorância de como funciona o jogo do poder no Brasil”.

Na segunda-feira, Bolsonaro deu uma “bronca” em seu ex-ministro da Ciência e Tecnologia, o hoje senador Astronauta Marcos Pontes (PL-SP), que se lançou candidato para disputar a Presidência do Senado sem o aval do partido. Chamando a postura do correligionário de “lamentável”, o ex-presidente disse que se o partido “embarcar na candidatura” do senador, acabará ficando sem comissões. O PL apoia a eleição do senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) em um acordo fechado para a legenda ganhar espaço na Casa — e, dessa forma, projetos caros ao bolsonarismo ganharem fôlego.

Pontes, porém, reafirmou que concorrerá ao cargo, que será decidido em 1º de fevereiro. E disse que “amigo é assim mesmo: às vezes concorda, às vezes não”.

Flávio também faz referência a quem coloca o pai como “carta fora do baralho” e insistiu que “Deus dará uma segunda chance a Bolsonaro para governar o Brasil”. Inelegível até 2030, o ex-presidente também fez, horas antes, críticas a iniciativa de candidatos com “pouca idade”, que se dizem “terceira via” e representariam uma “direita limpinha” para as eleições de 2026. Foi em entrevista a um canal no Youtube.

A indireta vai na direção do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) e do ex-candidato à Prefeitura de São Paulo Pablo Marçal (PRTB).

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Léo Índio é denunciado pela PGR

» JÚLIA PORTELA

Sobrinho do ex-presidente Jair Bolsonaro, Leonardo Rodrigues de Jesus, o Léo Índio, foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR), ontem, por suspeita de participação nos ataques golpistas de 8 de janeiro.

Em publicações nas redes sociais, na data dos atos extremistas, Léo Índio aparece em cima de uma cúpula do Congresso Nacional e próximo ao Supremo Tribunal Federal (STF), local com circulação proibida para o público.

Léo Índio é acusado de associação criminosa armada, tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, golpe de Estado, dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado.

A PGR também requer que ele pague uma multa para reparação dos danos, com valor a ser fixado. Agora, cabe ao Supremo Tribunal Federal (STF) aceitar ou rejeitar a denúncia. Caso seja aceita, Léo Índio se tornará réu, alvo de uma ação penal.

“(Léo Índio) destruiu e correu para a destruição, inutilização e deterioração de patrimônio da União, ao avançar contra a

Reprodução/redes sociais



Primo dos filhos mais velhos de Bolsonaro, Léo Índio postou fotos da participação nos ataques do 8/1

sede do Congresso Nacional, fazendo-o com violência à pessoa e grave ameaça, emprego de substância inflamável e gerando prejuízo considerável para a União”, diz o documento.

“Prova suficiente”

A denúncia foi assinada no último dia 15 pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet, que viu participação ativa de Léo Índio no “planejamento, incitação e execução” do 8

de Janeiro. Segundo o PGR, o primo dos Bolsonaro manteve contato frequente com outros acusados de golpe de Estado, “incitou publicamente, de forma reiterada”, a prática de atos antidemocráticos e participou dos atos violentos na Praça dos Três Poderes.

“Há prova suficiente de que o denunciado, aderindo subjetivamente as ações delitivas praticadas por terceiros, em circunstâncias nas quais tinha conhecimento da finalidade dos atos

praticados, participou como incitador e executor dos atos antidemocráticos, compareceu aos atos de insurgência ocorridos no Congresso Nacional e concorreu dolosamente para a prática das condutas criminosas pelo grupo expressivo de executores dos atos de 8.1.2023”, escreveu o PGR na peça.

Na sexta-feira, o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso no STF, instou a defesa de Léo Índio a se manifestar sobre a acusação. (Com Agência Estado)

Ex-chefes da PRF são indiciados

A Polícia Federal indiciou quatro ex-diretores da Polícia Rodoviária Federal (PRF) acusados de tentar impedir o deslocamento de eleitores no Nordeste nas eleições presidenciais de 2022.

Foram indiciados Luis Carlos Reischak Junior, ex-diretor de Inteligência e ex-Superintendente da PRF no Rio Grande do Sul; Rodrigo Cardozo Hoppe, ex-diretor de Inteligência Substituto; Djairton Henrique Moura, ex-diretor de Operações; e Adiel Pereira Alcantara, ex-coordenador de Análise de Inteligência da PRF.

Além deles, foi indiciado Bruno Nonato dos Santos Pereira, ex-coordenador-geral de Inteligência e Contrainteligência da

MJSP



PRFs são acusados de tentar impedir o deslocamento de eleitores no Nordeste nas eleições de 2022